

# Desejo Fugaz, errância e telurismo em “Mariana”, um conto de Miguel Torga

p. 72 - 78

Melina Galete Braga Pinheiro<sup>1</sup>

## Resumo

O presente trabalho pretende analisar o conto “Mariana”, do livro *Novos Contos da Montanha* (1944), do escritor português Miguel Torga. Mariana é uma mulher simples que segue seus desejos e relaciona-se com diversos homens, sem se importar com a opinião dos outros. Contudo, pretendemos demonstrar neste artigo que a personagem principal, que dá nome ao título, não obedece apenas seus instintos de mulher e mãe, como muitos pesquisadores torquianos acreditam, e sim que ela se entrega aos homens que encontra pelo caminho por desejo, mesmo que inconsciente.

**Palavras-Chave:** Literatura portuguesa. Erotismo. Miguel Torga.

## Abstract

This paper aims to analyze the short story “Mariana”, included in *Novos Contos da Montanha* (1944), written by the Portuguese author Miguel Torga. Mariana is a simple woman that follows her instincts and gets involved with different men, not caring about what others think. However, we aim to demonstrate that the main character, after whom the short story is named, does not only follow her womanly and maternal instincts, as many torquian researchers believe, because when she gives herself to the men she encounters, she does it out of desire, even if unconsciously.

**Key words:** Portuguese literature. Eroticism. Miguel Torga.

## Introdução

*Ora a mulher, em princípio, não é mais nem menos do que manda a natureza: um ventre. Terra. E não me consta que um lameiro tenha hesitado diante do apelo imperativo de nenhuma semente.*

Miguel Torga, *Diário I*

Há autores que tornam-se famosos por um único livro. Outros tornam-se famosos por serem exímios em um único estilo. Miguel Torga é uma

exceção. Contista, diarista, poeta e romancista, um escritor completo que atravessou um século inteiro.<sup>2</sup> Devido à impossibilidade de analisar toda a obra torquiana em poucas páginas (afinal, ele viveu quase um século) irei ater-me aqui ao conto “Mariana”, que pertence a um dos mais famosos livros do escritor português, *Novos Contos da Montanha*, de 1944, época em que o médico Adolfo Rocha já era mais conhecido pelo pseudônimo Miguel Torga.

Mariana é uma mulher simples que segue

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura na Universidade de Évora (Portugal). Mestre em Línguas, Literaturas e Culturas – Estudos Portugueses, pela Universidade de Aveiro (Portugal), com tese sobre literatura crossover no romance *A vida no céu*, de José Eduardo Agualusa. E-mail: melina.galete@hotmail.com

<sup>2</sup> O autor nasceu em 12 de agosto de 1907 e desencarnou em 17 de janeiro de 1995.

seus desejos e relaciona-se com diversos homens, sem se importar com essa atitude, incomum para a maioria das mulheres da época (o conto, como mencionamos acima, foi publicado em 1944), e sem se importar, igualmente, com a opinião dos outros. Mariana, personagem-título do conto de Miguel Torga, apenas obedece seu instinto e seu destino de mulher e mãe. Contudo, ao contrário do que muitos pesquisadores torquianos escreveram até hoje, Mariana entrega-se não apenas por uma lei da natureza que a impele para a maternidade, mas também por desejo sexual.

Eloísa Álvarez, em um artigo sobre o livro *Novos Contos da Montanha*, separa os contos em dois grupos, os que relacionam-se à Vida e à Morte:

(...) aqueles que respondem ao signo Vida apresentam uma estrutura aberta e potenciam uma filosofia de pulsão vitalista do percurso humano, com um desenlace triunfal sobre as barreiras morais que obstaculizam a realização do personagem como ser total. (ÁLVAREZ, 2001, p.57)

Nos parágrafos seguintes tentaremos esclarecer esta pertença ao signo Vida e torná-la mais evidente.

Mariana é comparada à terra, que recebe a semente para produzir. Os homens, donos das sementes, são, de certa forma, utilizados por Mariana, são homens-objeto. Pode parecer que ela também é utilizada por eles, no entanto, eles são mais utilizados por ela do que o contrário. Mesmo que de maneira inconsciente ela utiliza-se desses homens, seja para a satisfação do prazer ou apenas com a finalidade de procriação. O que há de semelhante entre ela e eles, como será analisado mais à frente, é a relação com a terra.

### **A fugacidade do desejo – A necessidade de errar**

O desejo em Mariana é fugaz, aparece

e desaparece de maneira rápida. Logo que é satisfeito, ela retoma sua caminhada sem destino, apenas com o intuito de viver, procriar e criar os filhos. Ao olhar (ou ser olhada [pel]) o homem, o desejo em Mariana é forte (ou talvez o que é forte é a sensação de ser desejada): “Esteve assim algum tempo, enquanto o Júlio a olhava a ela por sua vez, abrasado de calor.” (TORGA, 1980, p.110). Contudo, logo que seu desejo é satisfeito, Mariana vai embora, sem nunca se prender a homem nenhum: “\_ Adeus – disse no fim, sem olhar o homem – Então adeus...” (TORGA, 1980, p.110). Após o encontro, satisfeita, ela não busca na memória recordações do homem ou dos curtos – mas intensos - momentos de prazer que viveu com ele. Concentra-se, apenas, na sensação pós-orgásmica de seu corpo: “Pelo caminho fora, na tarde quente, o seu corpo tinha agora uma frescura de terra molhada.” (TORGA, 1980, p.111).

A segunda parte do título deste subcapítulo, aos olhos desatentos de uma pessoa mais conservadora, pode parecer preconceituosa. Afinal, por que errar? Ou pior, errar necessariamente. O erro pode parecer uma alusão ao fato da personagem-título ter vários parceiros sexuais, e não se prender a nenhum deles, como foi mencionado acima. No entanto, isso seria considerado erro apenas em uma mente, repito, preconceituosa. Em nenhum momento do conto o narrador define Mariana como uma mulher vulgar, ou como prostituta, tampouco aparece o sentimento de culpa, muito comum em algumas personagens femininas após a relação sexual sem compromisso. Mariana é descrita sempre como uma pessoa inocente, e sequer percebe o erro e a maldade que os outros veem em seus atos. Para Nietzsche, “O advento do Deus cristão, o deus máximo até agora alcançado, trouxe também ao mundo o máximo de sentimento de culpa.” (NIETZSCHE, 1999: 34). A crítica ao cristianismo aparece de diversas formas nas obras torquianas.

Em certo momento da narrativa, alguém critica a protagonista, mas esta permanece alheia aos comentários:

Valha-nos Deus! Que desgraça! As raparigas estão mulheres feitas e a mãe a dar-lhes um exemplo daqueles...

Mas já Mariana ia longe, alheia ao zelo do velho sátiro. (TORGA, 1980, p.44).

A palavra “errar”, portanto (e necessariamente!), aparece aqui com o sentido de vaguear, e não como sinônimo de enganar-se. Errar de errante, aquele que anda sem destino certo. Mariana era uma andarilha, andava por muitos lugares sem se prender a nenhum deles e nem fazer distinção entre um e outro:

Aqui, ali, acolá, cerros ou descampados, várzeas ou costeiras, eram sítios iguais, que calcorreava sem distinguir a qualidade do barro que se lhe agarrava aos pés. Compreendia tudo, menos o afeiçoamento da perdiz ao monte nativo. Todos os horizontes lhe acenavam da mesma maneira. (TORGA, 1980, p.115).

Mariana, por suas características não esperadas para mulheres da primeira metade do século XX, não representa a maioria das mulheres interioranas daquela época, que em muitas vezes eram submissas ao homem, tanto ao pai quanto ao marido. Segundo McNab, “Tudo o que Mariana faz é um desafio às convenções patriarcais de maternidade, sexualidade e submissão feminina.” (MCNAB, 1997, p.280). Naquele período, a mulher que mantinha relações sexuais antes do matrimônio era considerada sem honra. Segundo Raquel Soihet, “(...) a honra da mulher está vinculada a defesa da virgindade ou na fidelidade conjugal, sendo um conceito sexualmente localizado, da qual o homem é legitimador, já que esta é dada pela sua ausência através da virgindade ou pela presença legítima com o casamento.” (SOIHET, 1989: 303)

Contrariando Roland Barthes, para quem

“Historicamente, o discurso da ausência é sustentado pela Mulher: a mulher é sedentária, o Homem é caçador, viajante [...]” (BARTHES, 2003, p.36), Mariana não percebe que age de maneira diferente das mulheres de sua época, não vê nenhum erro, maldade ou absurdo em suas atitudes. Ela apenas segue seus instintos, sua sina de terra, de procriar, de relacionar-se sexualmente quando sente desejo, como os animais irracionais. Mariana se integra à natureza, reside nela, sente-se à vontade: “Em qualquer mata miúda paria naturalmente e atrás de qualquer parede recebia a seiva de uma nova vida.” (TORGA, 1980, p.115).

Segundo Maria Helena Santana,

Na montanha torguiana, lei social e lei natural tendem a convergir, mas nem sempre assim sucede. [...] A natureza manda procriar, e o povo em geral entende e pratica a lei natural, dentro de certos limites. A moral cristã, com um peso relativo nas decisões individuais, costuma contornar-se ou adaptar-se aos ditames da fecundidade. A aldeia porém incorporou nos seus códigos algumas das normas de conduta (e de repressão) que a igreja prescreve às uniões carnavais. Fá-lo de acordo com o seu próprio interesse, encorajando casamentos fecundos e socialmente harmônicos, vigiando com alguma complacência a virgindade das raparigas, ou castigando os prevaricadores. (SANTANA, 2007, p.157)

Mariana, como boa representante do povo transmuntano, respeita, mesmo que de maneira inconsciente, a ideia cristã de relacionar-se sexualmente apenas para fins procriativos. Essa ideia, no entanto, seria totalmente distorcida se não fosse inconsciente, pois ela tem filhos com homens variados, e não contraiu matrimônio com nenhum dos pais dos seus filhos. O povo português é, em sua maioria, católico, e as instruções transmitidas na catequese excluem o relacionar-se sexualmente antes do sacramento do matrimônio. Mas o povo transmuntano nem sempre entende desse jeito. As regras cristãs adaptam-se às leis da Montanha<sup>3</sup>, desde que os transmuntanos não

se sintam ofendidos. Para Fernão de Magalhães Gonçalves, “[...] o homem transmontano é um ser sobrevivente e mortalmente agredido – ele soube descobrir que Deus não o destruirá.” (GONÇALVES, 1995:)

Para Maria Saraiva de Jesus, a “telúrica Mariana [...] funciona como o símbolo da Terra-Mãe.” (JESUS, 2001, p.93). Assim como a terra, sua função é reproduzir, pois “Não é por prazer, mas por mandato cósmico que ela procria [...]” (JESUS, 2001, p.93). É importante ressaltar que o leitor toma conhecimento dos pais de alguns filhos de Mariana, mas o mesmo não ocorre com a protagonista. O narrador oferece ao leitor algumas pistas, como nessa passagem: “A pequenita olhou-a com os olhos azuis do Júlio Pessanha, sem ver nada.” (TORGA, 1980, p.112).

Para a supracitada autora, Mariana “[...] exerce a lírica função de Mãe-Natureza, que na verdade esconde uma outra mais mesquinha: a de servir de simples instrumento para o prazer desses homens que a encontram no caminho.” (JESUS, 2001, p.94). Contudo, pode-se perceber em algumas passagens do conto que Mariana não é apenas usada pelos homens, ela também usa esses homens para obter prazer, permitindo-se recusar relacionar-se sexualmente nos momentos em que não sente desejo, uma atitude que não era muito comum para as mulheres, em sua maioria submissas, de meados do século XX, época em que o conto aqui analisado foi escrito. Entretanto, essa recusa pode estar relacionada ao fato de que ela já estava grávida – “Mariana nem o olhar se dignou concentrar no rosto desejoso do Lopo. O seu ventre estava já fecundado pelo Guilherme da Póvoa (...)” (TORGA, 1980, p.117), – o que leva a crer, mais uma vez, que sua finalidade principal, mas não única, é a procriação.

## Telúricos: homens e ventre

Mariana, como já foi apresentado neste trabalho, não se prende a nenhum lugar, é uma mulher errante. Não se pode, contudo, dizer o mesmo dos homens que ela encontra pelo caminho. Eles não são apenas ligados à terra, mas também possuem uma forte relação com ela. Como se a terra fosse elemento constituinte de cada corpo dos homens de Trás-os-Montes, cenário do conto.

O segundo homem que fecunda Mariana, Joaquim Fortunato, cava a terra. Essa ação é uma clara referência ao ato sexual, pois quem cava, penetra a terra com a enxada, abrindo caminho. A comparação da relação entre enxada/terra e homem/mulher fica evidente nessa passagem: “A enxada nas mãos do trabalhador deu o golpe, e a terra fofa, como uma mulher sôfrega de amor, bebeu de um trago a levada que a beijou.” (TORGA, 1980, p.109). Pode-se perceber a seleção vocabular do autor ao descrever o momento em que Joaquim Fortunato avista Mariana: “Nos braços rijos do cavador, o molho de verdura túmida era como um corpo de mulher a tentá-lo.” (TORGA, 1980, p.111). Nesse trecho, fica evidente a comparação da verdura ao corpo da mulher. Entretanto, deve-se atentar para as palavras “rijos”, “cavador” e “túmida”. Em uma análise vocabular mais detalhada, pode-se perceber que o que está rijo é o braço do cavador, uma parte do corpo que lembra o pênis, devido ao formato cilíndrico; e nesse trecho lembra também por estar rijo, como fica o órgão sexual masculino quando está ereto, geralmente por consequência do desejo sexual. O cavador não é apenas aquele que penetra a terra, mas também quem a prepara para receber a semente e poder produzir. A

---

3 Montanha aparece com a letra inicial maiúscula pois faz referência às montanhas transmontanas, e é dessa forma que aparece na obra de Miguel Torga.

terra, nesse caso, é o corpo feminino. O ventre da mulher é telúrico, também recebe a semente e reproduz. A terceira palavra, “túmida”, também possui uma forte simbologia erótica no trecho supracitado. Pode-se dizer que o que está túmido, está inchado, dilatado, como ocorre com o órgão sexual masculino ao ficar ereto.

No conto, algumas cenas da natureza aparecem erotizadas, como a passagem acima em que é apresentado o homem lidando com a terra, e em outra, quando o narrador menciona a fogueira acesa. O fogo arde. Por esse motivo é um forte símbolo erótico: “O pastor acendera uma fogueira. E o fumo das carquejas molhadas subia ao céu lentamente, lasso e voluptuoso.” (TORGA, 1980, p.113). A fogueira também representa o corpo de Mariana. No início da cena ela necessita de lenha, e após acesa começa a arder. Após a lenha queimar, o fogo se apaga, da mesma forma que ocorre com o desejo da protagonista: “Mariana sentiu outra vez o sangue a ferver-lhe pelas veias fora. A fogueira precisava de lenha. [...] O lume, por dentro, continuava a queimá-la. [...] E, logo adiante, sobre gabelas secas de mato, o seu corpo serenou.” (TORGA, 1980, p.114).

Os homens que aparecem no caminho de Mariana estão estáticos, presos à terra, ao lugar em que vivem e trabalham. Nenhum deles pensa, em momento algum, em acompanhá-la, mas desejam tê-la novamente. Uns querem-na de novo na mesma hora,

[...] nem a sensualidade do Jeremias Manso a querer fazer dela um simples instrumento de prazer.

– Outra vez... – pedia ele, ao vê-la erguer-se, honesta e pura como uma leiva semeada.

Nem sequer respondeu. Saiu do centeio, pôs-se a frente da ninhada, e retomou o caminho da sua aventura. (TORGA, 1980, p.116),

outros querem-na tempos depois, retornando ao local do encontro e aguardando com esperança para ver se ela torna a aparecer, o

que não acontece:

O Joaquim Fortunato ficou com o gosto na boca daquele momento inesperado e saboroso. Por isso despediu-se reticente e, sempre que podia, vinha até à veiga na esperança de ver outra vez passar o corpo aberto e generoso de Mariana.

Mas o milho amadureceu, chegou o inverno, a terra cobriu-se novamente de verdura, e nada de a mulher aparecer. (TORGA, 1980, p.113).

No entanto, são homens sempre fixos à terra, presos – mas sem amarras –, telúricos como o ventre de Mariana.

Contudo, embora não esteja presa a nenhum lugar, Mariana também possui uma ligação com a terra. A principiar pela relação ventre/terra, ou mãe/terra. Em uma definição do narrador, “A terra humilde era ela. Eles actuavam apenas como o vento que traz a semente, e passa.” (TORGA, 1980, p.117). Mariana, assim como a terra, reproduz, dá frutos, e considera que o faz sozinha (ou, na sua pureza, até acredita nisso). Para Eloísa Álvarez, “Mariana [...] segue os imperativos da terra, entendendo que o prazer do acto sexual aparece transcendido pela euforia da procriação, facultadora da pureza que a aproxima da Terra [...]” (ÁLVAREZ, 2001, p.62).

Segundo Maria Saraiva de Jesus, “A mulher equivale à terra fértil, no mesmo destino de procriar, e o homem representa o fecundador por excelência.” (JESUS, 2001, p.95). Contudo, para fecundar a terra é necessário estar perto dela, ou mais que isso, ser ligado a ela. Mariana é parte da terra, e não apenas caminha sobre ela. Em uma das suas relações sexuais Mariana aparece, após o ato, ainda com terra em seu corpo e sequer percebe: “O rapaz é que reparou que a mãe tinha terra nas costas.” (TORGA, 1980, p.112). Para Fagundes, “Em “Mariana” (...) a imagem do contacto físico com a terra é usada para transmitir a harmonia da personagem com a Mãe Terra,

seu modelo humano, e a força que dela recebe.” (FAGUNDES, 1997, p.226). No entanto, não é apenas por ser fecunda e passiva como a terra que ela se entrega por obrigação de uma lei natural. Humana, constituída de matéria carnal, ela se entrega por desejo físico. Octavio Paz destaca em seu famoso livro a diferença entre homens e animais no que diz respeito às relações sexuais: “Nova diferença com o mundo animal: a espécie humana padece de uma insaciável sede sexual e não conhece, como os outros animais, períodos de excitação e períodos de repouso.” (PAZ, 1994, p.17)

Um dos filhos de Mariana, homem e, como representante transmontano dessa categoria, ligado à terra, fica fascinado diante de um campo:

– Isto é que é terra! – não se conteve o pequeno mais velho, com o instinto campônio do Custódio, o pai, a brilhar-lhe nos olhos. [...]

Mariana não podia entender a voz ancestral que irrompia da natureza virginal do filho. (TORGA, 1980, p.115)

A cena apresenta, além da ligação do homem com a terra, a força da hereditariedade, pois o menino ama a terra da mesma maneira que seu desconhecido pai. Francisco Cota Fagundes explica o trecho supracitado dessa maneira: “Ela é a terra, a força da natureza, tão previsível como o ir e vir das estações. Ele, o filho, é instintivamente habitado pelo entendimento de como cultivar a terra.” (FAGUNDES, 1997, p.201). Mariana, telúrica, passa para o filho parte dessa relação que ele possui com a terra. Os homens, pais (ou apenas fecundadores) de seus filhos, passam a outra parte, a vontade de fixar-se ao chão, de estabelecer um contato fixo com o mesmo solo, de cultivá-lo e cuidar desse solo, como se fosse um corpo desejado. Essa vontade, contudo, é inexistente em Mariana, personagem sempre errante, e sempre à procura de alguém que possa satisfazer seu

desejo momentâneo e o de seu ventre, ou apenas à procura de viver sem destino certo.

## Considerações finais

Mariana contraria muitas ideias sobre as mulheres da primeira metade do século XX. Contraria ao querer os filhos só para ela, ao relacionar-se sexualmente com desconhecidos e ao não se sentir apegada a eles após o ato sexual. Contudo, ela age dessa maneira com a maior inocência possível, como no momento em que uma provável pseudopuritana questiona sobre os pais das crianças:

– Olha lá, os pais dos pequenos não tomam conta deles?

Mariana sorriu, cheia de uma inocência que a outra não entendia. E respondeu na sua pureza:

– Saiba a menina que não têm pai... São só meus. (TORGA, 1980, p.119)

Mesmo que de maneira inconsciente, Mariana rompe com padrões ao ter relações com diversos homens, sem enxergar mal algum nisso. Para encerrar este trabalho, pego emprestadas as palavras de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, - três Marias, parte constituinte do nome Mariana -, pois Mariana representa a “(...) destruição de todas as cristalizações culturais em que a mulher é imbecil jurídica, irresponsável social, homem castrado, a carne, a pecadora, Eva da serpente, corpo sem alma, virgem-mãe, bruxa, mãe abnegada, vampiro do homem, fada do lar, ser humano estúpido e muito envergonhado pelo sexo, cabra e anjo, etc., etc.” (BARRENO; HORTA; COSTA, 1974, p.104). Ela representa a destruição desses conceitos, pois não se incomoda com a sua situação de andarilha e nem com o fato de ter vários filhos de pais desconhecidos, tampouco se importa com o que falam ou pensam sobre

ela. Mariana apenas obedece seu instinto natural, instinto de mãe, de mulher e de terra. Ela busca e encontra o prazer, e segue em frente, errando pelo caminho, e criando seus filhos. Segue em frente obedecendo a natureza e sendo regida por ela.

## Referências Bibliográficas

ÁLVAREZ, Eloísa. “A lei da terra e a lei do céu em **Novos Contos da Montanha**, de Miguel Torga”, in **I Ciclo de Conferências sobre a Narrativa Breve**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2001, pp. 55-64.

BARRENO, Maria Isabel; HORTA, Maria Teresa; COSTA, Maria Velho da. **Novas cartas portuguesas**. São Paulo: Círculo do Livro, 1974.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FAGUNDES, Francisco Cota. “Os Novos Contos da Montanha, de Miguel Torga, como ciclo de contos regionais”. in FAGUNDES, Francisco Cota (org.). **Sou um Homem de Granito: Miguel Torga e o seu Compromisso**. Lisboa: Salamandra, 1997, pp. 167-236.

GONÇALVES, Fernão de Magalhães. **Ser e ler Miguel Torga**. 2ª ed. Águeda: Vega e Herdeiros do Autor, 1995.

JESUS, Maria Saraiva de. «Símbolos femininos e masculinos na obra de Miguel Torga», in **I Ciclo de Conferências sobre a Narrativa Breve**, Aveiro, Universidade de Aveiro, 2001, pp. 93-109.

MCNAB, Gregory. “Resistência à patriarquia: sobre dois contos de Miguel Torga”, in FAGUNDES, Francisco Cota (org.). **Sou um Homem de Granito: Miguel Torga e o seu Compromisso**. Lisboa: Salamandra, 1997, pp. 279-288.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da Moral: uma polêmica para a história natural da moral**. Trad.

Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultura, 1999.

PAZ, Octavio. **A dupla chama**. São Paulo: Siciliano, 1994.

SANTANA, Maria Helena. “Notícias do Paraíso – O povo rural nos contos de Miguel Torga”, in MARINHO, Maria de Fátima (Org.). **Actas do Colóquio Comemorativo do Nascimento de Miguel Torga**. München: Martin Meidenbauer Verlagsbuchhandlung, 2007, pp. 155-165.

SOIHET, Raquel. **Condição feminina e formas de violência: Mulheres pobres e ordem urbana (1890-1920)**. Rio de Janeiro: editora Forense Universitária, 1989.

TORGA, Miguel. **Diário**. Vols. I – VIII. 2ª ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999.

TORGA, Miguel. **Novos Contos da Montanha**. 9ª ed. Coimbra: Coimbra, 1980.

**Artigo enviado em:** 06/08/2015

**Aceite em:** 12/11/2015